

05/16/97 A-28
282

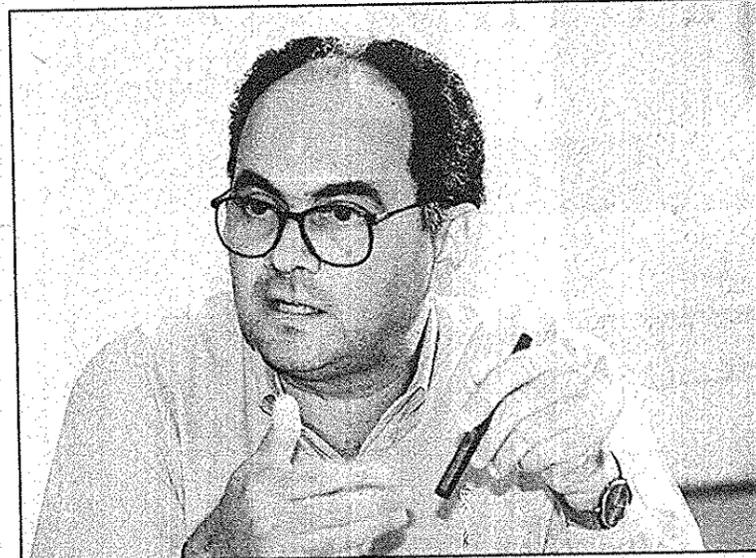
Índios terão programa de prevenção à aids

Ministério da Saúde não quer correr o risco de uma epidemia da doença nas áreas indígenas

SANDRA SATO

BRASÍLIA — O Ministério da Saúde decidiu começar imediatamente a desenvolver um conjunto de ações de prevenção da aids entre as populações indígenas. Entre os 325 mil índios que vivem no País, foram registrados até agora apenas 30 casos da doença. No entanto, o governo não quer correr o risco de uma epidemia na área indígena. A alta incidência de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e a falta do costume de usar preservativo tornam o índio vulnerável à doença, segundo o coordenador do programa de DST/Aids do Ministério da Saúde, Pedro Chequer.

Tratar um índio infectado é muito mais difícil do que cuidar de outro tipo de paciente, por causa da dificuldade relacionada ao uso de vários medicamentos. "Se a aids se alastrar entre os índios, eles podem ser dizimados", previu Chequer. Para evitar o agravamento do atual quadro, o governo já havia decidido que, junto a populações de baixa renda, mulheres e adolescentes, os índios seriam o público prioritário das campanhas de prevenção de aids a serem desenvolvi-



Dida Sampaio/AE

Pedro Chequer: "Se a aids se alastrar, eles podem ser dizimados"

das de 1998 a 2002, o chamado Programa Aids 2, que prevê a aplicação de R\$ 300 milhões. Parte de recursos é do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e parte do governo federal.

As ações destinadas a prevenir a aids entre índios já estão traçadas. O Ministério da Saúde iniciará um trabalho nas fronteiras do País, princi-

palmente na Região Norte. A situação é preocupante no Pará e no Amapá, segundo Chequer, pela proximidade de aldeias com países em que a aids alcançou níveis elevados, como o Suriname e as Guianas. Nessa região, o governo trabalhará com equipes do Exército. As ações preventivas na Amazônia serão centralizadas pelo Comando Militar da Amazônia. Os

TRABALHO
DEVE COMEÇAR
NA FRONTEIRA
DO PAÍS

soldados farão coletas de sangue para exame anti-HIV e também conversarão com os índios sobre como se proteger contra a doença.

O governo vai investir também em campanhas de educação nas mil escolas indígenas com 60 mil alunos. Chequer espera que as crianças e os adolescentes, mais abertos a novos conhecimentos, levem informações para discutir com a família. As equipes já estão preparando folhetos e cartilhas específicos que serão traduzidos em tupi-guarani.

O Ministério da Educação e o da Saúde já iniciaram o treinamento de professores em aldeias situadas no Paraná e em Pernambuco. Está previsto que o programa continuará, no final deste mês, nos Estados do Amazonas e Roraima, e, a seguir, no Mato Grosso.

Outra vertente do programa é o treinamento de líderes indígenas e agentes de saúde que atuam nas aldeias. Outro parceiro neste programa será o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) que, segundo Chequer, tem boa receptividade entre as populações indígenas. O ministério quer também ajuda das organizações não-governamentais (ONGs) e da Fundação Nacional do Índio (Funai). Além disso, segundo Chequer, "as atividades permanentes de prevenção e assistência aos índios terão de ser desenvolvidas pelos governos estaduais e municipais."

Barreira cultural dificulta prevenção

BRASÍLIA — A índia de pouco mais de 20 anos da tribo tiriô tem aids e, mesmo assim, os homens da aldeia não deixam de procurá-la para "namorar". Ela contou sua história para a médica Cláudia Cunha, da Unidade de Assistência do Programa Nacional de Aids do Ministério da Saúde. Outra mulher e seu filho já morreram de aids na aldeia, no norte do Pará.

A índia infectada tem três filhos e diz que não quer mais "namorar"

— expressão que define os encontros noturnos nas árvores ou ao redor das ocas — para não passar a doença para os outros. Mas os índios contam que, quando ela sai das crises de depressão e o mal-estar físico passa, põe um vestido colorido e usa batom.

Castigo — Nos oito dias em que esteve na aldeia, em março, a médica reuniu adultos e crianças para mostrar que os preservativos eram a única proteção contra a doença. Estima-se que a partir dos 10 anos de idade os tiriôs iniciam a vida sexual, mas não beijam na boca, nem fazem sexo anal. Eles gostam muito de "namorar", e mesmo os casa-

dos têm outros parceiros. Não mudaram esse costume, apesar da pregação feita por um padre que vive na aldeia há 20 anos, de que aids é o "castigo" para os infiéis.

Cláudia ensinou a eles que poderiam continuar "namorando", mas precisavam usar camisinha. Os que têm maior contato com populações das cidades já conheciam o preservativo. Outros, tímidos, principalmente mulheres e meninas, ouviam a médica com atenção.

"Muitos prometiam usar o preservativo, mas eu percebia que era apenas para evitar dizer não", lembra Cláudia.

A médica observou que os índios resistem ao uso de preservativos por uma barreira cultural, mas também

pela descrença de que a doença os atingirá.

Em novembro, a Universidade Federal do Pará encaminhou amostras de sangue para exame nos Estados Unidos. O resultado apontou 12 casos entre 432 índios pesquisados. Os números foram contestados e o ministério refez os exames na visita de março. Os novos resultados ainda não saíram.

HOMENS DE
ALDEIA EVITAM
USAR
PRESERVATIVO